

# A mulher ontem e hoje: narrativa de um lugar social na literatura a partir de Carolina Maria de Jesus

*The woman yesterday and today: narrative of a social place in literature from  
Carolina Maria de Jesus*

Ecilia Braga de OLIVEIRA\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**RESUMO:** Este artigo trata da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus, por meio da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, cujo objetivo é problematizar o lugar social da mulher negra, especialmente na Literatura. Como metodologia, faz-se uma análise dialógica do discurso (ADD) baseada nos estudos de Brait (2006; 2013), signatária de conceitos do Círculo de Bakhtin. O estudo encontra amparo teórico em Bakhtin (2011 [1979]), Volóchinov (2013[1930], 2021[1929]) que trazem luz à compreensão da relação língua e sociedade; Bonnic (2005), Dalcastagnè (2011) e Viana (1995) que discutem a situação social da mulher no Brasil. As análises apontam que a escrita da autora colaborou para uma melhor percepção da existência feminina no Brasil e para que outras autoras assumissem um *lugar social* posterior à obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Carolina Maria de Jesus. Escritoras. Lugar social.

**ABSTRACT:** This article deals with the life and work of Carolina Maria de Jesus, through the book *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, whose objective is to problematize the social place of black women, especially in Literature. As a methodology, a dialogic discourse analysis (ADD) is based on the studies of Brait (2006; 2013), signatory of concepts of the Bakhtin Circle. The study finds theoretical support in Bakhtin (2011 [1979]), Volochinov (2013 [1930], 2021 [1929]) who shed light on the understanding of the relationship between language and society; Bonnic (2005), Dalcastagnè (2011) and Viana (1995) discuss the social situation of women in Brazil. The analyses indicate that the author's writing contributed to a better perception of the female existence in Brazil and for other authors to assume a *social place* after the book.

**KEYWORDS:** Literature. Carolina Maria de Jesus. Writers. Social place.

## Introdução

A literatura produzida por mulheres no Brasil se inicia, basilarmente, por volta do

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Mestre pelo Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFPA), Belém, Pará. E-mail: [eciliasim@hotmail.com](mailto:eciliasim@hotmail.com).

século XIX, pois não lhes era permitido desenvolver atividades consideradas mais intelectuais antes dessa época; apenas recentemente, a sociedade tem dado espaço a quem relegou a segundo plano, sentenciando-a como cuidadora da família e realizadora de trabalhos domésticos e manuais.

Nessa conjuntura, a primeira escola pública para mulheres foi inaugurada somente em 1827, tardiamente autorizada para estudos elementares. Ainda assim, poucas delas tinham essa “escolha”, de uma feita que o sistema patriarcal lhes impunha a ignorância e a submissão, impedindo-as de aprender a ler e a escrever. Tais impedimentos e acesso aos direitos fundamentais ocorriam, talvez, pelo receio de que ocorresse a ascensão de uma hegemonia feminina que mudaria paradigmas e, por perceberem a sensibilidade acentuada do sexo feminino para as causas sociais que, se instrumentalizadas pela leitura e pela escrita, poderia causar mudanças na ordem social vigente.

Nesse ínterim, a organização feminina reúne esforços em busca da liberdade e, assim, inclui reivindicar maior participação na sociedade, vislumbrando melhores condições de vida para elas e para as novas gerações. No entanto, quando se trata da mulher negra, esse esforço é ainda maior, pois a desvantagem social é absurdamente maior. Elas, na sociedade, somam-se a parcelas marginalizadas para enfrentar o racismo, o sexismo, o machismo e a desigualdade social. Isso torna a luta por dignidade mais penosa que para outras mulheres de diferentes estratificações sociais.

Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus escreve a obra icônica *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (Jesus, 2014 [1960]). A qual foi publicada em 1960 com auxílio de Audálio Dantas<sup>1</sup>, jornalista e primeiro leitor a ficar impactado pela escrita dessa autora. Ele foi essencial para que houvesse um reconhecimento da autoria e originalidade da obra em meio às críticas negativas que surgiram na época.

A narrativa autobiográfica, embora inédita, revela-se como a situação de tantas outras mulheres invisibilizadas, vozes de quem tem sido emudecida pelas circunstâncias. O que se revela na favela do Canindé, zona norte de São Paulo, ocorre de forma comum, corriqueira nas periferias de tantas outras cidades, inclusive como a situação de mulheres negras migrantes que foram para a grande metrópole em busca de melhores condições de vida.

Outra situação pontuada pela autora é o fato de ser mãe solo em áreas de extrema

---

<sup>1</sup> Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aud%C3%A1liodantas>.

vulnerabilidade social. A preocupação com o futuro das crianças, a fome experienciada na favela e o uso artístico da palavra escrita para expressar cada detalhe da sua vivência fazem dela uma das maiores escritoras negras do nosso país, sobretudo, por enfrentar a crítica literária. Afinal, romper com um mercado predominantemente masculino impregnado de ideias machistas e elitistas e defender as questões que a mulher vivenciava não é tarefa fácil, entretanto, ela o fez com presteza e autenticidade.

Talvez esse contexto pouco favorável tenha corroborado para que a obra não tenha ficado restrita à década de 60 do século XX, nem à região mais populosa do Brasil. Nesse sentido, este artigo propõe a analisar a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014 [1960]), para compreender a condição feminina por meio da *literatura produzida por mulheres no Brasil ontem e hoje*.

Para atingir tal objetivo, optamos pelo uso da metodologia da análise dialógica do discurso (ADD), baseada nos estudos de Brait (2006; 2013), pois oferece elementos teórico-metodológicos para auxiliar na compreensão das informações contidas no texto, sendo possível observar a associação inseparável entre língua, história e sujeitos envolvidos na temática. A ADD, portanto, auxilia na percepção da “rede de relações dialógicas estabelecidas e assumidas por um sujeito, expressas na linguagem a partir de um ponto de vista” (Brait, 2013, p.90).

No mais, as abordagens teóricas do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]), Volóchinov (2013[1930], 2021[1929]) trazem luz à compreensão da relação língua e sociedade e os estudiosos Bonnic (2005), Dalcastagnè (2011) e Viana (1995), que discutem a situação social da mulher no Brasil, o protagonismo no campo estético e na visão progressista de humanidade, também contribuem para melhor compreensão da análise trazida neste artigo.

Desse modo, temos algumas seções em que traçamos o contexto da obra, da escrita empreendida por mulheres, descrevendo o objetivo, a metodologia e o aporte utilizado; seguida das demais seções que trata sobre *a luta da autora pelo reconhecimento na literatura*; sobre *a experiência do mundo para a experiência da palavra*; sobre *a consciência política da autora*; encerrando com algumas *considerações finais*, fazendo uma breve percepção das seções deste artigo e daquilo que concluímos a partir da escrita da autora/obra em questão.

## 1 A luta da autora pelo reconhecimento na literatura

Se Carolina de Jesus não teve contato suficiente com a escola em anos que compõem a obrigatoriedade escolar<sup>2</sup> para obter um diploma, no entanto, alcançou seu “diploma na vida” e conseguiu passar isso para um papel, realizando interação com seus leitores.

Quanto a isso, Koch (1999b, p.60) assegura que “é o conhecimento de mundo que propicia ao usuário do texto a construção de um mundo textual, ao qual se ligam as crenças sobre mundos possíveis e que passa pelo modo como o receptor vê o texto”; nesse sentido, intuitivamente, a escritora tinha essa noção do potencial da sua escrita e o fez.

De toda forma, não só o potencial crítico é visto na sua obra, mas também o poder desse ato reflexivo sobre a sua constituição cidadã e literária. Por meio dessa visão, vislumbra perspectivas de vida e sonhos bem diferente da realidade que a rodeava.

12 de junho

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2014, p. 58).

Escrever para a autora era tão orgânico quanto dormir. Segundo Meneses (2002) pintores, poetas e sonhadores não se submetem às leis da lógica, as histórias que escrevem ou produzem também não estão sob o princípio de uma única identidade. São ousados quando constroem seus enredos. Essa ousadia mobiliza outras funções cognitivas, como bem escreveu a autora, “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela”; desse modo, *cria cenários, dá luz à fantasia, colore a existência*.

A autora também faz uso do sistema linguístico, conforme o que defende Volóchinov (2021 [1929], p. 177), como “produto de uma reflexão sobre a língua, sentido que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante [...]”, mas das relações que construiu ao longo da vida. Assim, a autora refletia, sonhava e suas idealizações tinham lugar na literatura, uma vez que este estado inconsciente da mente

---

<sup>2</sup> Hoje está em vigor a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, cujo ensino se torna obrigatório entre os 4 e 17 anos. Entretanto, até 1971, o ensino obrigatório e gratuito era de apenas quatro anos – o então chamado curso primário. Após 1971, passou a ser de oito anos e, em 2010, somaram nove anos escolares com a decisão de iniciar o Ensino Fundamental aos 6 anos de idade.

permite colocar o personagem onde o narrador quiser, pois o sonho tem lugar central nas narrativas.

Mas nem tudo era imaginação, entre fantasia e realidade, a autora, lúcida da sua realidade, fazia denúncias da condição insalubre que vivia. Tinha expectativa que seus manuscritos pudessem reverberar a situação de pobreza e de exclusão que se alongam por séculos do negro/negra no Brasil. Afinal, por que ela se preocupava em escrever os detalhes de uma existência que a classe dominante tinha pouco ou nenhum interesse em conhecer e a classe dominada estava acostumada a viver?

Não foi à toa que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* começou a ser escrita de forma embrionária em meados da década de 50 do século passado, no mesmo tempo que surge a Linguística Textual na Europa. Embora, no Brasil, os primeiros estudos emergem “no final da década de 70” (Koch, 1999a, p. 167). A partir de então, as pesquisas e o Ensino começam a repensar a leitura e a escrita como prática social relacionada ao conhecimento de mundo, as vivências de cada um (Koch, 1999b). Em razão disso, a compreensão da construção do sentido passa a levar em consideração, o texto em si e as condições pré e pós-textual que subjaz nele.

Dessa forma, “a compreensão e a produção textual deriva de uma competência específica do falante - a competência textual” (Fávero; Koch, 2012, p.19), posto que a linguística passa a compreender o texto a partir do sentido do todo e não das partes, sendo a ortografia ou as concordâncias, apenas um aspecto que não define o texto em sua totalidade; em consonância, a literatura, cuja linguagem se além à estética, tem como característica a multissignificação e a liberdade para a criação, sem a rigidez linguística obrigatória em textos não literários.

Assim sendo, a obra da autora pode ser analisada não só por seu teor histórico, já que pontua vários momentos importantes, mas, sobretudo, pelo valor sociológico e biográfico da arte que traz (Bakhtin, 2011[1979]). Pela literatura, reinventa-se a vida, redimensiona-se e expande-se a consciência, ela é um instrumento potente para se pensar o mundo.

De toda maneira, não se deve desconsiderar nenhum dos campos na obra de Carolina Maria de Jesus, mesmo que alguns críticos a considerem iletrada, por ter um nível escolar baixo. A não ser que a baliza sejam os preconceitos social e étnico-racial derivados desse julgamento, pois o valor da obra está no discurso potente e crítico da

realidade feminina quando ela se utilizou dos conhecimentos de leitora e de escritora para fazer denúncias sociais da situação da mulher negra, mãe solo, moradora excluída do processo de modernização, com uma visão ampla do seu lugar social por meio de um letramento próprio, possível e concreto, uma vez que vivenciou tudo o que sua escrita expressava.

Antes de nos atermos à obra, há de se refletir sobre as vivências da autora: herdeira de um sistema escravocrata, sem oportunidades de frequentar centros de formação, escritora independente que ousou escrever um diário que relata comportamentos, relação de um ambiente segregador.

A reflexão que se faz com relação à sua obra é: de onde vem tamanha criticidade e percepção de mundo, senão da experiência e dos livros que a autora leu? Outro ponto a ser pensado, diz respeito a quantas Carolinas, nas mesmas condições, conseguiram publicar obras literárias? O fato de a autora não ter tido condições favoráveis para frequentar a escola não anula o valor do seu texto.

Geraldi (2005 [1984], p.16), na obra *O texto na sala de aula*, questiona a postura da escola, no contexto em que a democratização do ensino ainda é um projeto em consolidação. Pois sem as devidas condições de saúde, de saneamento, de moradia, de trabalho, de segurança etc., é improvável escolarizar democraticamente. “Muitas vezes a escola esquece que educação é um problema social, e encara-o como problema pedagógico”. Dessa maneira, em que lugar colocamos os desassistidos – na zona da não cidadania? No recinto dos sem identidade?

À luz desses estudos, considerar a autora iletrada, sendo que ela foi crítica da própria causa e das condições que vivia, reproduz um discurso preconceituoso e colonial, na verdade, uma tentativa de invalidar o potencial estético e linguístico da obra; seu livro foi produzido nas condições do seu letramento, com a experiência escolar que lhe foram permitidas, como usuária da língua viva e fluida. Conforme afirma, Marcos Bagno (2005), a autora, como tantas outras usuárias da língua, tinha e tem o domínio da variedade linguística de milhares de brasileiros que se fazem entender.

Segundo o autor, o preconceito sobre o uso não culto da língua não é apenas linguístico, mas, sobretudo, social; ao se enaltecer uma única forma de falar/escrever em detrimento das demais, colocam-se os cidadãos que não dominam essa norma no não lugar social, assim, ao invés de discutir os sistemas excludentes e as políticas necessárias

para educação, excluem-se os desassistidos; isso consiste no mito da língua única, afinal,

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem-terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem-língua (Bagno, 2005, p.16).

Ou seja, faz-se uma crítica a pessoas como Carolina Maria de Jesus, de classes subjugadas, dando-lhe “concessão” para usar a língua, em tese, dominada apenas por pessoas que pertencem a camadas sociais de prestígio. Nessa visão, a escritora é empurrada para a margem do campo literário – representando o não lugar social da mulher na Literatura. Isso fica mais evidente após a abolição da escravatura, quando ganham força valores como “igualdade” e “liberdade” e oportunidade para todos, como objetivo explícito na Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) para construir uma sociedade “livre”, “justa” e “solidária”.

Esses ideais se contrapõem às concepções equivocadas, disseminadas juntamente com a construção estereotipada da figura da/do negra/o. Expressões como *indolente*, *preguiçosa/o*, *sem mérito* e *sem inteligência* eram usadas para lhes negar direitos e acesso a cargos considerados de mais prestígio. Tal juízo de valor, legitimado pela cultura dominante, construiu um sistema seletivo no campo artístico-literário pensando em consumidores.

Portanto, a autora que não tem “boa” aceitabilidade, não representa o hegemônico, é apartada do sistema canônico, sendo, dessa forma, não legitimada como tal. Talvez esses sejam os motivos (com tantos outros atravessamentos ideológicos), pelos quais fizeram com que a obra da Carolina Maria de Jesus demorasse a ser aceita pela elite literária. Quanto a isso, Dalcastagnè (2011) afirma que o não lugar, a exclusão da/do negra/o, não é apenas na literatura, mas em outros campos da nossa vida social, perpetuando-se um círculo vicioso de preconceito e exclusão.

Nesses termos, como a literatura, o jornalismo, a telenovela e o cinema apresentam dados similares, a invisibilidade da população negra e os estereótipos a ela associados não são problemas exclusivos das artes, outras formas de discriminação permeiam a nossa estrutura social, inclusive na religião, na política e em cargos com

maior poder de decisão; desse modo, chegar a ser reconhecida como autora de renome nacional e internacional não foi uma conquista apenas de Carolina Maria de Jesus, mas, sobretudo, da mulher brasileira.

## 2 Da experiência do mundo para a experiência da palavra

É interessante como *Quarto de Despejo* reflete a existência e as emergências sobre a condição de vida e de liberdade da mulher, especialmente da periférica (Santos, 2018), a qual, desde a abolição da escravatura, traz consequências históricas, o não lugar do favelado, daquele que está à margem.

Nesse sentido, a autora tinha consciência do lugar marginal em que se encontrava, por isso fez questão de destacar, inclusive, a dificuldade de ser mãe solo no contexto da pobreza extrema:

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos [*sic*] impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (Jesus, 2016 [1960], p.11).

Mãe de três filhos, Carolina Maria de Jesus tinha que dar conta de tudo sozinha. Em alguns momentos se sentia exausta, amargurada, entretanto, esse sentimento a levou a superar a falta de oportunidade de estudar pelo gosto de escrever memórias literárias suas confissões, indignações, desabafos e esperanças. Era no papel que ela colocava a dor e a raiva: “Quando fico nervosa, não gosto de discutir, prefiro escrever” (Jesus, 2014 [1960], p.22).

Em outro momento, ela relata seu cotidiano como leitora: “Quando cheguei em casa era [*sic*] 22,30. Liguei o radio [*sic*]. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Jesus, 2014 [1960], p.24). Assim, além de escrever, a leitura se tornou uma necessidade orgânica, um ato de resistência da escritora.

Sobre esse posicionamento, a escrita como ato de resistência é um exercício político:

o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido a essa ocupação. Não é por ser o instrumento do poder, nem por ser a via real do saber

que a escrita é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição (Rancière, 2017, p. 7).

Nesse sentido, o campo da sensibilidade do dizer e do resistir que o escrever nasce como ato político na narrativa autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, como expressão de si e do outro. Assim, a preferência da autora pelo gênero discursivo diário também é a predileção de outras escritoras brasileiras, segundo Viana (1995). O autor cogita que esse favoritismo pode ser explicado pelo fato de que esse tipo de autoria provoca uma sensação de liberdade e o sentimento de que o escritor é sujeito do seu dizer, uma vez que escreve sobre si. No caso de Carolina Maria de Jesus, a ação de colocar no papel seus dramas, angústias, medos e frustrações fez da escritora um sujeito social, consciente da pobreza, da miséria e principalmente da fome, conforme consta na obra.

E assim, a autora foi precursora desse tipo de escrita no Brasil como ressalta Bonnici (2005), complementando que, a partir de 1970, após a publicação do seu *Diário*, surge uma tradição literária feminina antes ignorada pela história e pela literatura, assim, foi com a literatura marginal da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2014 [1960]), que pudemos alcançar um olhar maduro e moderno da mulher independente.

Além dessa, outra característica marcante na obra é a religiosidade; diversas vezes, ao longo do livro, a fé aparece como um fator motivador e impulsionador da protagonista, o que pode ser claramente sentida em: “eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau [sic] olhado” (Jesus, 2014 [1960], p.12). A expressão “mau olhado” significa que ela possivelmente estava sendo alvo de inveja, um termo que indica o sincretismo religioso (Ferrenti, 1998).

Ademais, Carolina foi se construindo autora por meio das mídias da época: “Liguei o rádio [sic] para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei a fazer o meu diário. De vez em quando parava para responder os [sic] meus filhos” (Jesus, 2014 [1960], p.25). A escritora, possivelmente, usava o então instrumento tecnológico para se tornar letrada, visto que acompanhava novelas radiofônicas e programas musicais para obter informações.

Desse modo, a narradora, incansavelmente, resistiu a sua condição social, persistindo no letramento que lhe foi possível. Nesse contexto, a obra traz um panorama

sobre as pessoas subjugadas à miséria, à segregação social e a desumanização do homem. É como se olhássemos pela janela e víssemos não apenas a favela Canindé, mas o retrato das favelas e periferias do Brasil a fora com mulheres, negras/os, pobres, miseráveis, miscigenadas/os... todos vivendo o carimbo da segregação e da marginalização social.

### 3 A consciência política da autora

Com relação à sua consciência política, a escritora sabia que não morava na favela por falta de mérito, mas por herança social e histórica.

19 de julho:  
[...]Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência.  
Nunca feri ninguém [sic]. Tenho muito senso! Não quero ter processos. O meu registro geral é 845.936 (Jesus, 2014[1960], p.18).

Ao afirmar as contingências da vida resoluto, a autora-personagem-narradora mostra a consciência que tinha de uma condição imposta que não lhe permitiu armazenar grandes coisas, entretanto, exigia-lhe serenidade, inclusive para lidar com os conflitos interpessoais. Além disso, diz ter senso e nunca ter ferido ninguém, divulgando até o número da sua identidade como forma de se afirmar como pessoa.

Nas suas palavras, ela entende que para a população negra não basta ter bons antecedentes e/ou uma boa índole, a pessoa negra favelada precisa provar isso a todo momento na sociedade brasileira. Todavia, se para a elite intelectual a escritora não existia, ela deu concretude a sua existência ao escrever a própria história.

Tal tarefa não parece ter sido fácil “especialmente quando a tradição literária não está disponível como recurso, ou seja, quando nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração” (Dalcastagnè, 2011, p.97). Naquele momento, a quem interessava a autobiografia de uma catadora de papel.

Maria Carolina de Jesus sobrevivia como catadora de papel, na metrópole mais conhecida do Brasil, a cidade dos grandes restaurantes, dos teatros, da avenida mais sofisticada do ponto de vista econômico, mas foi na sobra que ela encontrou alimento, inclusive a indignação para escrever o *big brother* da favela, os conflitos da fome e da segregação social. O diário registra dia, mês e ano, pontualmente, como se tivesse a

certeza de que precisaria situar o leitor da tragédia social no tempo e espaço.

Ademais, sua consciência política pode ser identificada pelo seu olhar sobre a história quando afirma:

13 de maio  
Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático [sic] para mim. É o dia da abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos.  
... Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios [sic]. Mas os brancos agora são mais cultos... (Jesus, 2014[1960], p.30).

Ao dizer que 13 de maio é um dia simpático, Carolina Maria de Jesus mostra que ela tinha noção da relevância da data para a população afrodescendente. Embora pudesse comemorar como uma conquista, tinha consciência de que ainda havia um lugar a se ocupar, e ela ocupou a posição de uma escritora negra cuja obra obteve notoriedade. Segundo Dantas (2014 [1960])

O sucesso do livro – uma tosca acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante da vida – foi assim o sucesso pessoal de sua autora, transformada de um dia para o outro numa patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade.

Ao produzir o prefácio da obra de Carolina Maria de Jesus, o jornalista resume a ascensão da nossa Cinderela do século XX; ele teve papel fulcral para a publicação da obra, sendo o primeiro a reconhecer a autoria dela.

Sobre esse aspecto, Bakhtin (2011[1979]), em sua obra *Estética da Criação Verbal*, expressa bem a relação entre autor e personagem na literatura; por meio do método fenomenológico trata de questões axiológicas de gêneros como a biografia e autobiografia, explorando a inter-relação autor e personagem e aspectos temporais, espaciais e semânticos.

Esses mesmos aspectos podem ser percebidos em Carolina Maria de Jesus, uma vez que ela constrói enunciados pressupondo um interlocutor-leitor, atributo da interação da língua em uso, o *Eu* e o *Outro* como pressuposto do valor ético e estético, construído a partir do cronotopo da narrativa.

A autora elabora o discurso de maneira que o leitor construa uma visão sobre a política, a situação da mulher negra e favelada na sociedade no século passado. Incluindo o trabalho árduo e exaustivo que enfrentava, além de carregar o peso do estigma social, junto à necessidade física de não poder parar porque a fome não espera.

16 de julho

Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio [sic] de gosar [sic] descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte [...] Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas e lenha. Vinha pensando (Jesus, 2014[1960], p.12).

No trecho, percebe-se a preocupação com o sustento da família, pois era a única provedora. Outra aflição era “os meninos”, como eram chamados por ela. Eles passavam muito tempo sozinhos em casa, motivo de comentários maliciosos na vizinhança; ademais, como se não bastasse a fome, ela vivia outras dores como a do preconceito misógino da expressão equivocada “mãe solteira”. Em meio ao estigma da *unilateralidade paterna*<sup>3</sup>, a autora não se sujeitou à pressão social que a submetesse a um relacionamento para sofrer violências, conforme pode ser verificado em:

18 de julho:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem [sic] que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede [sic] socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra [sic] as tabuas do barracão eu e os meus filhos dormimos sossegados [sic]. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indiana [sic].

Não casei e não estou descontente. Os que me preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis [sic] (Jesus, 2014[1960], p.16-17).

Por outro lado, Carolina Maria de Jesus não estava preocupada com os julgamentos, mas com a sua função social que começava no lar; a dupla responsabilidade da mãe na criação solo é percebida em: “preciso ser tolerante com meus filhos, eles não têm ninguém [sic] no mundo a não ser eu” (Jesus, 2014 [1960], p.22). Em outro momento, ela comenta o esforço que fazia para ser uma mãe participativa, mesmo tendo uma vida dura:

As vezes [sic] eu ligo o radio [sic] e danço com as crianças. Simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:” – Que mamãe boa!” (Jesus, 2014 [1960], p.20).

Ela também afirma que a alimentação é prioridade para quem experiencia uma vida com muitas limitações: “Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro dar uma refeição condigna” (Jesus, 2014 [1960], p.22)). Embora com

---

<sup>3</sup> Guarda e cuidado do filho atribuída a um dos genitores apenas.

frequência ela relata que faltava alimentação, quando era possível, ela priorizava uma alimentação digna e saudável; algumas vezes, ela narra que recebia doações, mas não eram suficientes, por isso, em certos momentos, buscava restos de alimento nas feiras quando era preciso.

O prenúncio do que Carolina Maria de Jesus viveu não veio dos agouros, nem superstições, mas de uma condição escravocrata a qual fomos submetidos. É possível observarmos essa situação na denúncia feita também por Bandeira (1993 [1947], p. 1-3) quando descreve: Vi ontem um bicho / na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos...”. como Jesus (2014[1960], o autor de forma, brilhantemente, estética, trata da vida desumanizada dos miseráveis que vivem ou sobrevivem dos lixões.

Entretanto, diferente do autor, que refletia sobre a fome, a escritora a experimentava; nesse sentido, o seu diário foi um refúgio, seu confessionário; ele foi o lugar da queixa e dos sonhos, pois a leitura e a escrita eram momentos de prazer, a alimentava: “não gosto de ficar na esquina conversando, gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (Jesus, 2014 [1960], p.25).

Certa ocasião, ela narra que, ao esperar a roupa corar<sup>4</sup>,(coarar/quarar) sentou-se na calçada para escrever e um amigo, o senhor João, incentivou-a, de certa forma, a produzir sua obra.

21 de Julho

– O que escreve?

– Todas as lembranças que pratica [*sic*] os favelados, estes projetos de gente humana.

Ele disse:

– Escreve e depois dá a um crítico [*sic*] para fazer a revisão (Jesus, 2014[1960], p.23).

Ao se referir aos moradores da favela de “projeto de gente humana”, Carolina Maria de Jesus expressa o pensamento crítico sobre as condições em que viviam os favelados, inclusive, ela, os diferenciava uns dos outros pelo nível de consciência que tinham (ou não) das péssimas condições em que viviam.

Por outro lado, a percepção que a escritora tinha da vida pode ser analisada no fragmento a seguir: “Tem hora que me revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conforto” (Jesus, 2014 [1960], p.24). Se para alguns moradores aquela vida

---

<sup>4</sup> Corar era uma prática usada por lavadeiras, antes do surgimento das máquinas de lavar, que deixava as roupas, geralmente, brancas, com água e sabão ao sol por alguns minutos, uma técnica natural para embranquecê-las.

parecia normal, para ela não, era motivo de indignação, de revolta e a escrita e o letramento independente eram o seu ato de resistência. Ela não se deixou silenciar, registrou em detalhes o que é ser uma excluída social, dando voz aos herdeiros da exclusão.

É interessante observar também que, ao ser questionada por seu João sobre o que escrevia, ela respondeu: “O meu diário”, e, surpreso, disse nunca ter visto uma preta gostar tanto de livros como ela. Carolina Maria de Jesus responde: “Todos tem [*sic*] um ideal. O meu é gostar de ler” (Jesus, 2014 [1960], p.26). A constatação do amigo não estava totalmente equivocada, o que talvez ele não soubesse era que não se tratava de uma questão de gostar de livros, mas de ter acesso a eles.

Apesar da pouca condição e do árduo trabalho de catadora, a autora buscou na profissão o acesso aos livros. Entre um papel e outro encontrava algum manuscrito que lhe interessava. Sendo a escassez um problema, foi na abundância do que colhia que buscou subterfúgio, inclusive para sair do anonimato e na contramão dos autores consagrados da época. Nos estudos literários de Dalcastagnè (2011, p. 97), sobre autores e personagens negros, ela afirma que “é preciso observar o que acontece com aqueles que fogem à regra e ensaiam um movimento diferente.

A escassez e a invisibilidade foram o tema da obra. A autora não apenas viu a fome, sentiu-a, fez dela a sua indignação e o assunto da sua escrita, o que pode ser sentida no trecho: “A tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da [*sic*] fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (Jesus, 2014 [1960], p.44).

O desejo de matar a fome está entre a voraz necessidade básica: respiração, comida, água, sexo, sono, homeostase e excreção, segundo Maslow (1962). Para o autor, na teoria das necessidades humanas, assegura que é determinante para o comportamento humano a satisfação das suas necessidades básicas e, uma vez não atendidas, são causadoras de comportamentos destrutivos, violência, revolta e motivação de incertezas para alcançar as demais necessidades.

Dessa maneira, pensando na própria condição, a autora cogita formas de superar as mazelas da vida. Também pontua que era um sonho da mãe dela que ela se tornasse professora, mas devido às condições desfavoráveis, ela não pôde galgar níveis elevados na escola que garantisse tal profissão, entretanto, foi formadora de si mesma e a falta de formação, embora relevante, não a condicionou à visão de uma vida limitada. O que

comumente ocorre com pessoas em situação similar, conforme menciona Freire (1979, p. 52-53)

Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros.

Na afirmação do patrono da educação brasileira, em ambientes caóticos e carentes, é provável que se tenha violência horizontal praticada por pares, pois é mais fácil atacar quem está mais perto de nós vivendo as mesmas opressões que os opressores. Nessa conjuntura, Carolina Maria de Jesus sofreu e resistiu aos ataques da vizinhança na favela, ao mesmo tempo que era uma igual, era diferente, pois encarava a vida na comunidade com mais criticidade.

Pensando na temática da fome, Freire (1979), Bandeira (1993 [1947]) e Maslow (1962) sabem que ela não deixa apenas um estômago vazio, mas uma mente preenchida com a urgente necessidade de comer e, entre tantos sonhos, Carolina Maria de Jesus tinha a mente preenchida pelas constantes necessidades de suprir sua fome e a de seus filhos. Mas ela não tinha fome só de comida, ela tinha outras urgências, por isso buscava nos papéis que encontrava no lixo e na escrita dar colorido à vida que ela chamou de “resoluta”.

A fome também foi tema de outra obra da escritora: *Pedaços da Fome*, romance ficcional, publicado em 1963. Nela, Carolina Maria de Jesus não é a personagem central, optou por dar vida a uma personagem branca, moradora do interior de São Paulo que contraria o pai, um coronel rico, para experimentar uma paixão com um jovem dentista na capital paulista. Na obra, as questões raciais são mais sutis que em *Quarto de despejo*, a miséria é narrada por outro ângulo, pelo olhar do branco em decadência financeira. Talvez seja por isso que o título dado foi *Pedaços da fome*, porque a fome é diferente para aqueles que nunca tiveram dignidade.

Diante do exposto, a consciência política da escritora a encorajava a escrever sobre a condição étnico-racial e feminina como retrato social do Brasil, fortalecendo, dessa maneira, comunidades silenciadas. Sua *escrivivência* (termo usado por Conceição Evaristo em 1995 no *Seminário Mulher e Literatura*, junção das palavras “escrever” e “vivência”) foi subversiva para uns, luz para outros, especialmente para outras mulheres que a partir dela se encorajam a ocupar o mercado editorial.

## Considerações Finais

No que diz respeito a receptividade da obra, embora Carolina Maria de Jesus tenha sofrido críticas negativas de leitores e alguns autores a ponto de ser chamada de “Cinderela saindo do borralho do lixo para brilhar” (Dantas, 2014, [1960]), evidencia que a autora ganhou notoriedade ainda em vida.

Graças a coragem da escritora, hoje há tantas outras carolinas que se inspiram nela e no legado que ela deixou. Ainda que não tenhamos alcançado o objetivo da Constituição Federal (Brasil, 1988, n.p.) de “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais”, a literatura deu um grande passo, reconhecendo o valor estético da obra e dando voz àquelas que lutam por um lugar digno nas esferas da sociedade.

Assim, constata-se que a escrita e a subversividade da escritora deram visibilidade aos invisibilizados/as e sua coragem a tornaram precursora de um legado na literatura que possibilitou *um lugar social* para outras grandes autoras negras/faveladas.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2005.
- BANDEIRA, M. **Estrela da Vida Inteira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
- BONNICI, T. Z. Lúcia Osana (org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: eduem, 2005
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In.*: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.
- BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. *In.*: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 79-98.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 6

fev. 2024.

DANTAS, A. Prefácio. *In.*: JESUS, C. M. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. 10. ed., São Paulo: Editora Ática, 2014[1960]. p. 6-8.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, (31), 2011, p. 87–110. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 26 fev. 2024.

EVARISTO, C. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FÁVERO, L. L. KOCH, I. V. **Linguística textual**: Introdução. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERRENTI, S. E. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: Scielo, ano 4, n. 8, p. 182-188, jun.1998. Disponível em: HA8-doi.indd (scielo.br). Acesso em: 26 fev. 2024

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005 [1984].

JESUS, C. M. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. 10. ed., São Paulo: Editora Ática, 2014[1960].

JESUS, C. M. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963.

KOCH, I. V. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **D.E.L.T.A.** 1. 15. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUCSP), Número especial, p. 165-180, 1999a, p. 165-180. Disponível em: 0007 (scielo.br). Acesso em: 26 fev. 2024.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999b.

MASLOW, A. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.

MENESES, A. B. **As portas do sonho**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

SANTOS, G. A. O. Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: testemunho de uma existência condenada, **pragMATIZES** - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal Fluminense (EdUFF), Ano 8, n. 14, p. 77-89, out/2017 a mar/ 2012018.

VIANA, M. J. M. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora

UFMG, 1995.

VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

VOLÓCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].